




“O Império como uma imaginação do centro”: A Aula de Comércio do Rio de Janeiro e o Desenvolvimento da Contabilidade no Brasil

Lúcia Lima Rodrigues

Artigo aceite para publicação:

Araújo, W. G., Rodrigues, L. L., & Craig, R. (2016). ‘Empire as an imagination of the centre’: The Rio de Janeiro School of Commerce and the development of accounting education in Brazil. *Critical Perspectives on Accounting*.

Agenda

- 
- Introdução
 - Enquadramento teórico
 - O contexto socioeconómico e político: a realocização do Império e a viagem
 - A criação da Aula do Comércio do Rio de Janeiro
 - O funcionamento da Aula do Comércio do Rio de Janeiro
 - A Aula do Comércio do Rio de Janeiro e o desenvolvimento da contabilidade: governando o Império “imaginando o centro”
 - Conclusões

Introdução

- Existem estudos anteriores que abordaram o papel da contabilidade como forma de governar impérios à distância;
- Estudamos a situação única em que um Império se realocalizou do centro (Lisboa) para a periferia (Rio de Janeiro).
- => nenhum estudo abordou o papel da educação contabilística quando uma periferia se transforma no centro do império em 1808.
- Neste artigo mostramos como a realocização do Império levou a que o Rei e o governo da época tivesse necessidade de “imaginar” na periferia como o Reino era no centro (Lisboa)
- => como o saber contabilístico ajudou o Império, naquela altura frágil, a tornar-se forte

Enquadramento teórico

- «Império como uma imaginação do centro” tem uma longa tradição na cultura portuguesa, como explica Ribeiro (2002).
- Esta metáfora deriva da revisão da literatura romântica portuguesa (principalmente romances e poemas)
- Portugal: o primeiro império marítimo e o “vaguear” pelos oceanos
- => Em situação de fragilidade, o Império tem necessidade “levantar hoje de novo o esplendor de Portugal”, fazer como “os nossos egrégios avós”
- => esta metáfora aplica-se também na contabilidade...Não só na literatura

Enquadramento teórico

- Apesar da sua fragilidade no momento em que a Corte se realocalizou, o Império Português foi inspirado por uma miragem de força
- => Isto resultou de imaginar o Império, como tinha sido durante o período do Marquês de Pombal, entre 1750 e 1777 e de ter imitado as suas tecnologias de governo contabilísticas (Aula de Comércio, Junta de Comércio, Real Erário e Banco do Brasil).
- As reformas do seu avô, D. José I foram "re-imaginadas" e reinstituídas para ajudar preservar a identidade de Portugal; e para governar o Império Português a partir do Rio de Janeiro.

Enquadramento teórico

- Através de um "efeito em cascata" as técnicas de contabilidade ensinadas no Aula do Rio forneceria os profissionais de contabilidade que seriam "alistados nas atividades do governo"
- Pretendia-se que os graduados atuassem no Real Erário, na Junta do Comércio e no Banco do Brasil, aumentando assim a capacidade da Corte para governar o Império na periferia
- Que fornecessem informações importantes para a tomada de decisões de políticas públicas (por exemplo, no Real Erário em assuntos fiscais) => o Império tornou-se mais fácil e eficientemente "governável"



Contexto socioeconômico e político: realocização do Império

- A invasão francesa foi uma represália dos franceses por Portugal manter o apoio aos ingleses
- A decisão da corte de partir para o Rio quando Portugal foi invadido pelos franceses não foi impensada, dado que era a primeira vez que uma família real ia viver para uma colônia.
- Três principais razões existiram:
 - 1. O medo que os franceses matassem o Rei como haviam feito em França;
 - 2. A defesa pelas elites do Brasil como a melhor parte do Império, devendo ser o seu centro;
 - 3. A vontade da Grã-Bretanha que Portugal abrisse o mercado Brasileiro ao comércio livre.
- A Grã-Bretanha apoiou e garantiu a segurança da corte na viagem

Contexto socioeconómico e político: a viagem

- Cerca de 10.000 pessoas partiram de Lisboa a 29 de Novembro de 1807 numa frota de 40 navios, escoltados por quatro navios de guerra da marinha real britânica
- A carga da frota incluía caixotes cheios de arquivos, documentos estatais, correspondência ministerial e livros
- Carga humana: cortesãos, cirurgiões reais, damas de honra, guardas do guarda-roupa do rei, cozinheiros e o melhor da sociedade de Lisboa - conselheiros de Estado, ministros, conselheiros militares, sacerdotes, juízes e advogados junto com suas famílias extensas
- => O Príncipe Regente João chegou ao Brasil, Bahia, em finais de janeiro de 1808

Contexto socioeconômico e político

- Bahia, 28 de janeiro de 1808: primeira medida política: Carta Real que abre os portos brasileiros às "nações amigas" e permite o fluxo direto de exportações e importações para e da colônia; estabeleceu ainda um imposto de 24% sobre todas as importações e exportações nas alfândegas brasileiras por causa das necessidades do "meu Real Erário";
- Bahia, 23 de fevereiro de 1808: Decreto para criar no Rio de Janeiro uma escola de comércio patrocinada pelo governo
- 7 de março de 1808, o príncipe João navegou para o Rio de Janeiro: começa a tomar medidas para transformar o Rio de Janeiro na nova Metrópole do Império e a criar tecnologias contabilísticas de governo do Império

Tecnologias contabilísticas de governo

- O decreto do Príncipe João de 23 de fevereiro de 1808 destacou a importância da Educação, enfatizando que “sem aprender [comércio] só podemos caminhar cegamente ou com passos muito lentos e às vezes contrários nas matérias de governo”
- O Príncipe João também criou (como Pombal) uma Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação deste Reino e seus Domínios Ultramarinos; e o Real Erário (Alvará de junho de 1808), com a implementação da partida dobrada, tal como aconteceu na “saudável” lei de 1761, do “meu Augusto Avô”
- Estas instituições foram todas sustentadas por uma miragem do Império Português, tal como tinha existido na era Pombalina, 1750-1777

Quais as razões que levaram à criação da Aula do Rio de Janeiro

- A criação do Real Erário (junho de 1808) e a introdução da partida dobrada imediatamente colocou uma enorme pressão para o aparecimento de especialistas nesta técnica
- O Banco do Brasil (Outubro de 1808) também exigia a contabilidade por partida dobrada
- Muitas pessoas qualificadas em partidas dobradas eram necessárias para assumir empregos na contabilidade do governo e apoiar o desenvolvimento do comércio.
- => O Príncipe João partilhou a opinião de seu avô e Pombal de que a educação comercial era fundamental para a boa governança do Império => foi a segunda medida tomada mal chegou ao Brasil (fevereiro 1808)

Criação da Aula do Rio de Janeiro

- O Príncipe João nomeou José da Silva Lisboa, visconde do Cairu como Professor, um liberal seu amigo da Bahia, que o havia ajudado a fazer a Carta de Lei que abriu os portos do Brasil às “nações amigas”
- Era graduado em grego, leis canônicas e filosofia pela Universidade de Coimbra, tendo escrito livros em direito comercial e liberalismo económico (apoiantes das ideias de Adam Smith)
- Mas não aceitou o emprego por o salário ser baixo e por não lhe agradar ensinar as “mundanas doutrinas da Administração Pública”
- Contudo, uma análise ao seu CV permite concluir que não tinha competência para ensinar contabilidade por partidas dobradas
- A sua não aceitação levou ao atraso na abertura da Aula do Rio de Janeiro que acaba apenas por abrir em 1810 (entretanto o Rei ofereceu-lhe o lugar de deputado da Junta de Comércio)

Como é que a Escola funcionava: o primeiro Professor

- O primeiro Professor foi José António Lisboa (sem parentesco com o anterior professor nomeado), natural do Rio de Janeiro
- O seu pai tinha ido para o Brasil depois do terramoto de 1755 e fez fortuna como comerciante
- Em 1797 foi estudar em Lisboa, tendo começado por estudar no Colégio dos Nobres e em 1800 matricula-se no 11º curso da Aula de Comércio de Lisboa
- Depois de completar os seus estudos na Aula de Comércio viaja para Paris e Londres. Em 1809 regressa ao Brasil via Inglaterra por ter sido acusado pela inquisição portuguesa de possuir livros pagãos proibidos
- Em 1809 o Príncipe nomeia-o Professor da Aula do Rio de Janeiro: possuía todos os requisitos para ser nomeado: tinha sido parte da “comunidade imaginada”, perfil internacional como os professores de Lisboa, e ajudava a transpor no novo contexto os objetivos do Rei de criar profissionais com conhecimentos idênticos aos de Lisboa

Como é que a Escola funcionava: o primeiro Professor

- José Lisboa ensinou até 1821, tendo recebido em 1814 a comenda dos Cavaleiros da Ordem de Cristo pelos seus serviços como professor
- Reformou-se em 1821 como professor, sendo-lhe atribuído pelo rei uma graça especial (pensão) que “não devia ser repetida”
- José Lisboa continuou a trabalhar noutras atividades como:
 - Deputado da Junta do Comércio
 - Inspetor da Aula do Comércio
 - Ministro das Finanças (por um mês) em 1830
 - Foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838); e
 - Fez parte do comité que preparou o Código Comercial que foi emitido em 1850. Escreveu vários manuscritos

Como é que a Escola funcionava: disciplinas e manuais

- Os estatutos eram os mesmos da Aula de Lisboa
- Tal como na Aula de Lisboa os alunos tinham que ter mais de 14 anos, saber ler e escrever e passar num exame de admissão
- Os alunos inscreviam-se na Junta de Comércio, entidade que financiava a Escola
- O curso tinha a duração de 3 anos
- As disciplinas eram as mesmas: aritmética, álgebra, pesos e medidas, contabilidade por partidas dobradas e noções de comércio

Como é que a Escola funcionava: disciplinas e manuais

- Quando José Lisboa se reformou apresentou uma proposta de reformulação do curso em que incluía as seguintes disciplinas: Geometria, Geografia, e Economia Política, o que foi aprovado pela Junta de Comércio
- No relatório que apresentou à Junta de Comércio, diz que ditou notas de 1810 e 1816, até que o livro do Cabral Mendonça foi publicado.
- A partir daí só eram usadas *postillas* (manuscritos ditados) quando não existissem livros ou fossem muito caros
- O ensino da contabilidade era feito como em Lisboa: depois de dada a teoria da partida dobrada, os alunos praticavam usando os exemplos práticos de uma casa de comércio.
- Havia o recurso à memorização como forma de melhorar a expressão escrita e oral dos estudantes



	<i>Matéria</i>	<i>Compêndio</i>
1º ano	Aritmética	Bezout
	Álgebra	Bezout
	Regra conjunta	Postila
2º ano	Geometria	
	Geografia	
	Comércio: que compreende	1º tomo do compêndio de
	Fontes: agricultura, mineração, artes mecânicas, artes liberais, pesca e caça;	Manuel T. Cabral de Mendonça
	Meios: colônias, navegação, moedas, câmbios e seguros;	
	Regras: leis gerais, usos e máximas	
3º ano	Escrituração quanto às regras	2º tomo do compêndio de
		Manuel T. Cabral de Mendonça
	Escrituração quanto às práticas	Postila
	Economia política	José da Silva Lisboa

Fontes: Chaves (2009); ANRJ, JCAFN, Fundo 7X

Relatório do José Lisboa à Junta de Comércio

- O número de alunos matriculados na Aula de Comércio aumentou de 37 no primeiro curso para 65 no quarto (que começou em 1820)
- Em 1820 tinham sido graduados 72 alunos
- As regras de disciplina dos alunos eram as mesmas de Lisboa
- O financiamento da Escola era feito da mesma maneira

A Aula do Rio de Janeiro e o desenvolvimento da contabilidade e do Brasil

- Quando a Corte chegou ao Brasil, o comércio e a atividade económica estavam subdesenvolvidos.
- Somente 37 estudantes brasileiros estudaram na Aula de Lisboa entre 1767 e 1808. Dezoito eram do Rio de Janeiro, oito da Bahia, sete do Maranhão e quatro de Pernambuco.
- Curiosamente foram as primeiras cidades brasileiras a estabelecerem Aulas de Comércio.

A Aula do Rio de Janeiro e o desenvolvimento da contabilidade e do Brasil

- Uma leitura de 16 candidaturas de futuros alunos da Aula do Rio revela:
 - Pelo menos 7 dos 37 alunos matriculados em 1810 eram funcionários a tempo inteiro do Real Erário, trabalhando como escriturários e copiadores de manuscritos
 - Três alunos eram escriturários na Marinha
 - Três foram contratados como escriturários pelo Banco do Brasil
 - Um era um mercador
 - Alguns alunos foram mais tarde professores nas Aulas de Comércio do governo brasileiro (por exemplo, Joaquim Silva foi escriturário no Banco do Brasil e mais tarde professor na Aula do Rio de Janeiro).
- => Assim, a evidência disponível aponta para o papel importante que os estudantes da Aula de Comércio tiveram no funcionamento do Estado e na Administração do Império a partir do Rio de Janeiro

A Aula do Rio de Janeiro e o desenvolvimento da contabilidade e do Brasil

- José Lisboa, por exemplo, afirmou no seu relatório que o emprego de graduados da Aula do Rio de Janeiro era de grande utilidade para o Estado e para o bem público
- Em cada uma das três Contadorias Gerais, além do contador-chefe havia um primeiro escriturário, três segundos escriturários, três terceiros escriturários, três copistas e três praticantes que asseguravam a apropriada contabilidade das contas do Real Erário.
- Em cada Contadoria Geral havia um Diário, Razão, borradores e um Razão Auxiliar para cada conta de receita e contrato de impostos.
- A intenção desta contabilidade era ajudar para que "sem delongas se veja, logo que se precisar, o estado da conta de cada um dos devedores ou exatores das rendas da minha Coroa e fundos públicos"
- Assim, os registros feitos pelos alunos da Aula do Rio de Janeiro ajudavam a construir informação que era usada para gerir e conectar o Império, ajudando a cumprir os objetivos da coroa

A Aula do Rio de Janeiro e o desenvolvimento da contabilidade e do Brasil

- A evidência disponível mostra que a Aula do Rio de Janeiro foi fundamental na oferta de graduados qualificados, que serviram o Real Erário, o Banco do Brasil e as Forças Armadas.
- Estas tecnologias contabilísticas de governo ajudaram o Brasil a tornar-se independente
- A informação que era produzida pelos alunos permitia o conhecimento de informação financeira relativa a locais distantes (como outras colônias e de Portugal) que era trazida para o novo centro do Império
- O seu papel foi tão importante que em Maio de 1818, D. João VI estipulou que apenas os alunos graduados na Aula de Comércio do Rio podiam ser contratados pelo Real Erário.

Conclusões

- Neste artigo mostramos que a metáfora "o império como uma imaginação do centro" encontrada em Ribeiro (2002) na literatura portuguesa poética também se aplica na área da contabilidade
- Apresentamos o caso único de como a contabilidade e particularmente o ensino se desenvolveu numa colónia como uma "imaginação do centro" ou seja, Lisboa e os tempos áureos do Marquês de Pombal
- Mostramos ainda como o ensino da contabilidade e as práticas contabilísticas foram importantes para conectar o império já que os alunos conectavam informação financeira das diferentes partes do império
- Os graduados da Aula do Rio de Janeiro (bem como de três escolas similares do governo que foram criadas no espaço de 11 anos no Maranhão, Pernambuco e Baía) ajudaram a implementar a política imperial dando-lhe os números que necessitava para governar o império

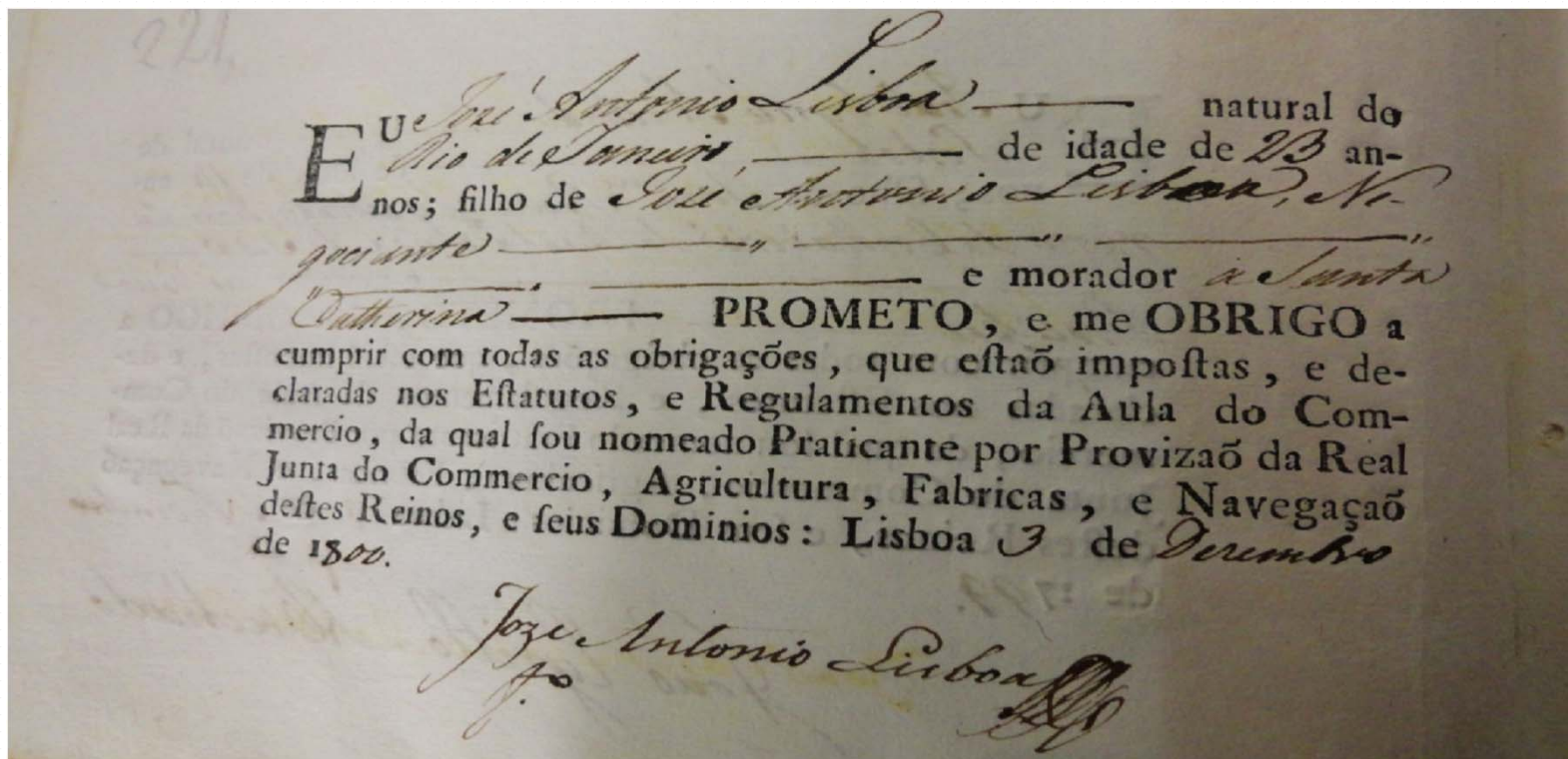
Conclusões

- A maioria dos alunos que se matricularam na Aula do Rio eram já funcionários do Real Erário, da Marinha, do Banco do Brasil e de empresas mercantis.
- O objetivo era melhorar os seus conhecimentos teóricos e exercer de forma competente as suas profissões
- Estes estudantes foram empregados para fazer a representação do império nos mesmos termos em que o império era representado no tempo do Marquês de Pombal
- Eles propagaram as tecnologias contabilísticas, como a partida dobrada re-imaginando a nação desejada - que se consolidou numa imagem de retorno ao que Portugal tinha sido.

Conclusões

- Também revelamos dois importantes itens de evidência arquivística até aqui desconhecidos:

➤ José António Lisboa foi um ex-aluno da Aula de Comércio de Lisboa;



211

E *Eu José António Lisboa* natural do Rio de Janeiro de idade de 23 anos; filho de *Seu e Antuário Lisboa, Sr. mercante* e morador a *Santa Catharina* PROMETO, e me OBRIGO a cumprir com todas as obrigações, que estão impostas, e declaradas nos Estatutos, e Regulamentos da Aula do Commercio, da qual sou nomeado Praticante por Provizaõ da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegaçãõ destes Reinos, e seus Dominios: Lisboa 3 de Dezembro de 1800.

Jose Antonio Lisboa

Conclusões

- As ocupações de alunos matriculados em 1810 na Aula do Rio de Janeiro que apontam fortemente para sua possível implicação na difusão do DEB no Rio de Janeiro, quer como profissionais, quer como futuros professores:
 - No Real Erário
 - Na Marinha
 - No Banco do Brasil
 - No Comércio
 - No Ensino como futuros professores (efeito multiplicador)

Investigação futura

- As outras Aulas do Comércio do Brasil: quem eram os alunos e os professores, como promoveram o desenvolvimento do Brasil
- A aplicação do quadro teórico usando neste artigo a outras instituições do Real Erário, já que também foi desenhado à imagem do Real Erário instituído por Pombal em 1761



- As ocupações de alunos matriculados em 1810 na Aula do Rio de Janeiro que apontam fortemente para sua possível implicação na difusão do DEB no Rio de Janeiro, quer como profissionais, quer como futuros professores



Obrigada pela atenção!

